



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA - CAEN
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA - MPE

MARCELO WESLEY JUSTINO CORREIA

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA E *SPREAD* PARA
O SETOR BANCÁRIO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2003 A 2010**

FORTALEZA
2015

MARCELO WESLEY JUSTINO CORREIA

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA E *SPREAD* PARA
O SETOR BANCÁRIO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2003 A 2010**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Economia – Mestrado Profissional – da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia. Área de Concentração: Finanças e Seguros.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Melo Jorge Neto

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Pós Graduação em Economia - CAEN

-
- C824a Correia, Marcelo Wesley Justino
 Análise da relação entre concentração bancária e *spread* para o setor bancário no Brasil no período de 2003 a 2010/ Reinner Ferreira Campos. – 2015.
 42p. il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Economia, CAEN, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
 Orientador: Prof. Dr. Paulo de Melo Jorge Neto.
1. Administração bancária I. Título.

MARCELO WESLEY JUSTINO CORREIA

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA E *SPREAD* PARA
O SETOR BANCÁRIO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2003 A 2010**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Economia – Mestrado Profissional – da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia. Área de Concentração: Finanças e Seguros.

Aprovada em: **06 de março de 2015.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo de Melo Jorge Neto (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Almir Bittencourt da Silva
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Leandro de Almeida Rocco
Universidade Federal do Ceará – UFC

AGRADECIMENTOS

Á Deus, pelo presente da persistência, pela dádiva da vida e pela virtude da temperança.

Aos meus pais, Leni e José, que, sem dúvida, são meus maiores exemplos.

À minha esposa, Gleyciane, pelo carinho, compreensão e incentivo na conclusão deste trabalho.

Ao professor Candido Atila Matias Souza, pelos seus esforços e disponibilidade. Sou grato por sua ajuda.

Ao Professor PhD Paulo de Melo Jorge Neto, pela sua importante ajuda, sua segurança e profissionalismo fizeram com que tudo isso fosse possível.

A todos os meus amigos, que me dedicam sua amizade, tempo e confiança. Amigos de infância e amigos que fiz durante o curso. Eles me fazem querer ser melhor, me tornando cada dia mais competitivo somente para ser digno de tão valioso tributo.

Ao Mestrado Profissional em Economia - MPE, que ao me acolher como aluno fez nascer em mim o desejo de continuar meus estudos para obtenção do grau de Doutor.

RESUMO

O mercado bancário brasileiro passou por uma série de transformações durante a década de 1990, as quais tiveram um impacto sobre as formas de atuação dos bancos afetando diretamente aspectos relacionados à eficiência, lucratividade/rentabilidade e exposição ao risco sistêmico dos bancos. A partir de meados da década de 1990, com a implementação e consolidação do Plano Real, ocorreram mudanças na economia brasileira visando um cenário de estabilidade econômica a partir da contenção da inflação e outras políticas econômicas visando tal cenário. Nessa perspectiva, após esse processo de reestruturação, observou-se um ambiente de maior concentração do setor bancário brasileiro. Esse estudo investigou a relação entre concentração bancária e *spread* bancário, assim como um conjunto de fatores explicativos que influenciam variações nesse *spread* bancário. Os resultados do modelo econométrico divergiram da hipótese central levantada nesta pesquisa, de que uma estrutura mais concentrada poderia contribuir para uma redução do *spread* bancário geral. De acordo com esta pesquisa a concentração poderia se mostrar negativamente relacionada com *spread* através de um aumento da eficiência dos processos e reduções de perdas, inclusive com redução indireta dos níveis de inadimplência. Todavia, o que se observou através da evidência econométrica foi a existência de uma relação positiva entre essas duas variáveis no modelo analisado nessa pesquisa, isso pode ser observado a partir do coeficiente estimado positivo para a relação entre o *spread* bancário e a medida de concentração bancária representada pela variável MSCB1 no modelo econométrico.

Palavras-chave: Concentração bancária. *Spread* bancário. Risco bancário. Crédito bancário.

ABSTRACT

The Brazilian banking market has undergone a series of transformations during the 1990s, which had an impact on the ways of acting banks directly affecting aspects related to efficiency, profitability / return and exposure to systemic risk of banks. From the mid-1990s, with the implementation and consolidation of the Real Plan, there were changes in the Brazilian economy for a scenario of economic stability from containing inflation and other economic policies to such a scenario. From this perspective after this restructuring process, there was a higher concentration of the Brazilian banking sector environment. This study investigated the relationship between bank concentration and banking spread as well as a set of explanatory factors that influence variations that banking spread. The results of the econometric model diverged from the central hypothesis in this research, that a more concentrated structure could contribute to a reduction in the general banking spread. According to this research the concentration could prove negatively related to spread through increased process efficiency and loss reduction including indirect reduction in default levels. But what was observed by econometric evidence was the existence of a positive relationship between these two variables in the model analyzed in this research, it can be seen from the positive estimated coefficient for the relationship between the banking spread and the measure represented bank concentration by MSCB1 variable in the econometric model.

Keywords: Banking concentration. Banking spread. Risk bank. Banking credit.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição do sistema financeiro.....	15
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação dos ativos dos 10 maiores bancos.....	17
Tabela 2 - Relação entre quantidade de agências e quantidade de bancos.....	20
Tabela 3 - Valores nominais do PIB e do volume de crédito total.....	23
Tabela 4 - Decomposição do <i>spread</i> bancário prefixado – total - Em proporção (%) do <i>spread</i>	26
Tabela 5 - Decomposição do <i>spread</i> bancário prefixado – total - Em pontos percentuais (p.p.).....	27
Tabela 6 - Decomposição do <i>spread</i> bancário prefixado – TPB - Em proporção (%) do <i>spread</i>	29
Tabela 7 - Decomposição do <i>spread</i> bancário prefixado – TPB - Em pontos percentuais (p.p.).....	29
Tabela 8 - Estatísticas descritivas das variáveis do modelo econométrico.....	33
Tabela 9 - Matriz de correlação das variáveis do modelo econométrico.....	34
Tabela 10 - Modelo econométrico.....	35
Tabela 11 - Teste de Wald para o modelo econométrico.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCB	Banco Central do Brasil
BNH	Banco Nacional de Habitação
CCB	Cédula de Crédito Bancário
CETIP	Central de Custódia e de Liquidação Financeira de Títulos
CMN	Conselho Monetário Nacional
COPOM	Comitê de Política Monetária
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
DEPEP	Departamento de Estudos e Pesquisas do Banco Central do Brasil
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FMI	Fundo Monetário Internacional
HHI	Índice Herfindhal-Hirschmann
HKI	Índice Hannah e Kay
HTI	Índice Hall-Tideman
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Ampliado
PIB	Produto Interno Bruto
PROER	Programa de Estimulo á Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional
PROES	Programa de Incentivos a Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária
SELIC	Sistema Especial de Liquidação e Custódia do Banco Central do Brasil
SFH	Sistema Financeiro de Habitação
SFI	Sistema de Financiamentos Imobiliários
SUMOC	Superintendência da Moeda e do Crédito
TPB	Taxa Preferencial Brasileira

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	SETOR BANCÁRIO E CONCENTRAÇÃO.....	12
1.1	Concentração bancária no Brasil.....	16
2	<i>SPREAD</i> BANCÁRIO E CRÉDITO.....	24
3	ANÁLISE EMPÍRICA.....	31
3.1	Metodologia.....	31
3.2	Estatísticas descritivas das variáveis.....	33
3.3	Matriz de correlação das variáveis do modelo econométrico.....	33
3.4	Especificação do modelo econométrico.....	34
3.5	Resultados e discussões.....	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

O setor bancário brasileiro passou por um evidente processo de reestruturação a partir de meados da década de 1990, como decorrência, dentre outros fatores, da abertura comercial e financeira durante o governo de Fernando Collor no início da década de 1990, e a idealização e implementação do Plano Real em 1994, que buscou um cenário de estabilização para a economia brasileira. Com esse processo de transformação do setor bancário, houve um aumento da concentração bancária. Tal fato evidenciado nos relatórios do Consolidado Bancário do Banco Central do Brasil. Nesse cenário prevaleceram os bancos mais eficientes do ponto de vista de suas operações (atividades), uma vez que com o controle da inflação a partir da consolidação do Plano Real, os bancos considerados operacionalmente ineficientes, cuja receita operacional estava baseada em boa parte pelos ganhos com a inflação, perderam espaço no mercado bancário brasileiro. Porém, o Brasil apresenta níveis de *spread* bancário muito acima da média dos chamados países desenvolvidos. Esse *spread* bancário pode ter ou não alguma relação direta com essa estrutura de mercado mais concentrada do setor bancário brasileiro. Nessa perspectiva, cabe analisar se estruturas de mercado mais concentradas podem, a partir de uma maior eficiência técnica/operacional, ter alguma contribuição para redução do *spread* bancário.

É comum, na literatura econômica, que um aumento do poder de mercado faça com que as firmas passem a praticar controle de preços e encarecimento da mercadoria. Neste caso, a mercadoria é o dinheiro, as firmas são os bancos e aumento do poder de mercado se dá através do aumento da concentração no setor.

Neste trabalho deve-se pensar de forma contra intuitiva uma vez que não se espera que concentração contribua para reduzir o *spread* no setor bancário. Sabe-se que o setor bancário é um dos setores de maior rentabilidade/lucratividade na economia brasileira e desse modo, faz-se relevante analisar os aspectos inerentes à dinâmica desse setor.

O objetivo principal deste trabalho é investigar a relação entre concentração bancária e *spread*. Uma vez que, ao observar o momento histórico, verifica-se que o Brasil enfrenta um fenômeno um tanto incomum, de um lado um expressivo aumento na lucratividade dos bancos acompanhado pela elevação dos índices de concentração bancária, por outro lado observam-se aumentos na relação entre crédito privado/ PIB e redução dos *spreads*. Complementarmente, buscaram-se evidências a respeito de que se o mercado bancário mais concentrado poderia ser benéfico para a população, no sentido de tornar o crédito acessível e as taxas menores.

Para analisar a relação entre *spread* e os fatores que influenciam essa variável, dentre eles a concentração bancária que teve como “Proxy” o índice a *Market share*, foi estimado um modelo de regressão linear múltipla pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) com o auxílio do software econométrico EVIEWS sete. A fim de obter o *market share* foram verificados os relatórios do consolidado bancário, onde foi utilizada a razão entre os ativos totais dos maiores bancos do consolidado bancário 1 pelo ativo total dos bancos do sistema. Os dados de cada variável que compõem o modelo estão em trimestres e compreendem o período de 2003 a 2010. A escolha das datas retrata a data inicial de mudança política no país e a data final se dá pelo último ano da metodologia utilizada pelo Banco Central para medir *spread* total pré-fixado.

Além disso, foram feitas análise tabular e gráfica, assim como as estatísticas descritivas das variáveis constituintes do modelo econométrico estudado, bem como a matriz de correlação entre essas variáveis. Obteve-se, com o modelo, uma relação direta entre *spread* do setor bancário e a medida de concentração bancária (MSCB1).

Além dessa introdução, esse trabalho está dividido em quatro capítulos, a saber: no primeiro capítulo, discorreu-se acerca do processo de abertura financeira de meados da década de 1990 no Brasil, além disso, fez uma análise do processo de reestruturação do setor financeiro no Brasil, dando maior enfoque à dinâmica das mudanças decorridas no setor bancário. Ainda no primeiro capítulo, fez-se uma breve análise acerca da concentração bancária de meados da década de 1990 até o momento atual. No segundo capítulo, discorreu-se sobre as operações de crédito e a dinâmica do *spread* bancário na economia brasileira. No terceiro capítulo, discute-se a metodologia empregada no trabalho a partir da apresentação do modelo teórico utilizado nessa pesquisa assim como a base de dados obtida. Adicionalmente, discutem-se os resultados da estimação do modelo econométrico elaborado para melhor analisar os fatores que influenciam o nível de *spread* bancário, que foi tomado como variável dependente do modelo econométrico. Finalmente, no quarto capítulo fizeram-se as considerações finais acerca dessa pesquisa e apontaram-se algumas sugestões para trabalhos futuros com abordagens correlatas ao tema analisado.

1 SETOR BANCÁRIO E CONCENTRAÇÃO

O sistema bancário brasileiro passou por uma série de mudanças, ficando mais fortemente caracterizado com as transformações ocorridas nos anos 90. Entre a década de 80 e início da década de 90 a alta rentabilidade do setor era proveniente de ganhos inflacionários. Tal característica histórica moldou um caráter altamente adverso ao risco e evidenciou uma situação de desestímulo ao crédito, o que diretamente favoreceu a abertura de um *spread* muito mais elevado que o verificado no mercado internacional. As taxas de captação e aplicação dos bancos geravam um gigantesco hiato que acarretou na queda da oferta de crédito. A oferta de crédito caiu de 35% do PIB em 1978 para 11% em 1991 (Carvalho, 2003).

Vale ressaltar que neste período, devido a princípios consolidados no “Consenso de Washington”, ocorre um direcionamento da política econômica para a abertura comercial e financeira, com uma menor participação do Estado e através de estímulo a liberalização, desregulamentações e privatizações. Neste sentido, a CMN lança a resolução 1.832 de 31 de maio de 1991 onde regulamenta os investimentos estrangeiros e aumenta consideravelmente o ingresso de recursos externos.

De acordo com Carvalho (2003), observa-se um aumento significativo na oferta de crédito, o que foi resultado, principalmente: a) da queda da receita dos bancos nas operações com títulos, após a forte redução da dívida pública em mercado promovida, em março de 1990, pelo Plano Collor; b) do fim das aplicações em *overnight* após o Plano Collor II, de janeiro de 1991; c) do cenário econômico mais favorável, possibilitado pela volta dos recursos externos em 1992 e pela retomada do crescimento econômico; e d) da necessidade de os bancos se anteciparem frente à perspectiva de queda da inflação.

Após isto, os bancos precisaram investir bastante no aumento de sua área de atuação através de ampliação da rede de agências e, sobretudo investir em tecnologia bancária, através de inovações financeiras que possibilitassem aumento de ganhos. De acordo com Carvalho (2004) a alta inflação levou a necessidade da aceleração da circulação da moeda, tornando os bancos brasileiros extremamente ágeis na realização de pagamentos e movimentação de recurso. E, além disto, a alta inflação e a indexação incentivaram o desenvolvimento de tecnologias de contratação e negociação sofisticadas, que permitiam neutralizar a inflação e a identificação de oportunidades de ganhos com papéis, arbitrando entre contratos com diferentes indexadores ou com diferentes preços.

Neste mesmo período ocorre a estabilização da economia e segundo estudo de Paula e Pires (2006) pode-se observar o que aconteceu quando com o Plano Real os bancos perderam sua principal fonte de receitas, que na época eram os ganhos inflacionários sobre os recursos não remunerados do depósito à vista. Os bancos ganhavam bastante somente no floating. Para cobrir as perdas geradas com estabilização da economia os bancos responderam aumentando o volume de operações, aumentando as tarifas, cobrando por serviços que antes eram gratuitos e reduzindo despesa através de demissões. O aumento no volume de operações de crédito acentuou ainda mais a expansão que se iniciou no início dos anos 90. Juntamente com o aumento da oferta de crédito houve o crescimento da demanda pelo mesmo. O aumento da demanda se deve principalmente ao fato do crescimento econômico, melhoria dos salários e diminuição dos juros nominais.

Todavia, o processo de liberalização financeira brasileira passou por algumas dificuldades, a exemplo de fraudes contábeis, deficiências na supervisão e regulamentação prudencial, estes fatos ficaram evidentes após a grande insolvência e grande quantidade de bancos que abriram falência em 1995, a exemplo do Banco Econômico e o Banco Nacional, duas instituições privadas que ocupavam a posição de sétimo e quarto maiores bancos privados do país, respectivamente. Levando o Brasil a iminência de uma crise bancária sistêmica. O governo passou a adotar uma política monetária mais restritiva e novos mecanismos foram criados.

Neste cenário, é criado o comitê de Política Monetária (Copom) que opera diretamente com a política monetária através do controle da inflação via definição de metas para a taxa de Selic e seu eventual viés. Em 1997 se institui o Sistema de Financiamento imobiliário (SFI) e a central de risco de crédito.

Em julho de 1999 o Banco Central lança o Relatório sobre economia bancária e crédito, que marca o início do projeto Juros e *spread* Bancário. Desde então o Banco Central vem estimando anualmente a decomposição do *spread* bancário para o segmento livre das operações de crédito.

A fim de controlar a oferta de crédito o governo criou o depósito compulsório, um mecanismo que obriga que os bancos realizem uma reserva sobre os depósitos a vista e a prazo.

O processo de desnacionalização bancária no Brasil ocorreu de forma a evitar uma crise bancária sistêmica e todos os mecanismos criados antes disto, serviram para auxiliar e dar mais robustez ao sistema. Além disto, o governo utilizou medidas como a de incentivos fiscais para a incorporação de instituições financeiras, a regulamentação do Fundo Garantidor

de Crédito, o controle e uma maior dificuldade quanto à abertura de novas instituições financeiras, incentivos para processo de fusão, incorporação e transferência de controle acionário, o aumento de poderes para o Banco Central no que tange a intervenção em instituições financeiras, a regulamentação para responsabilidade de empresas de auditoria contábeis independentes na atuação de casos de irregularidades em instituições financeiras, a revisão da legislação para alterar a atuação destas instituições no mercado externo, a obrigatoriedade de consolidar as demonstrações financeiras dos bancos no Brasil com participação no exterior, à criação da Central de Risco de Crédito, a permissão para cobrança de tarifas pela prestação de serviços das instituições financeiras e a criação do Programa de Incentivos à redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (Proes) e do programa de Estimulo á Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) (CORAZZA, 2001).

Certamente, um programa como o Proes gerou vários impactos, ficando mais fortemente reconhecido pela redução na quantidade de bancos estaduais. Das 35 instituições bancárias estaduais existentes naquela época, 10 foram extintos, 7 foram privatizados, 6 foram federalizados e posteriormente privatizados, e 5 foram reestruturados, duas das privatizações para bancos estrangeiros(Camargo, 2010). Enquanto que o Proer incentivou fusões, incorporações e transferências de controle acionário por bancos estrangeiros.

Desta forma, a evolução do sistema bancário sofre influência das práticas internacionais que visam tanto um sistema local mais sólido quanto um sistema mundial mais resistente a crises cíclicas geradas pelas falhas de mercado. Como exemplo desta influência pode-se citar a adesão dos bancos no Brasil à adoção dos padrões internacionais estabelecidos pelos Comitês de Basileia. Onde existem requisitos que devem ser realizados em várias situações como, por exemplo, Como deve ser a constituição de um novo banco. Qual o capital mínimo ponderado pelo risco que os bancos devem possuir. Como deve ser feita a supervisão consolidada. De qual maneira proceder para a abertura de dependências no exterior e quais modelos internos de avaliação de risco devem ser utilizados.

Em 1997, com auxílio do Banco Central e recursos do Proer, o HSBC compra o Banco Bamerindus. Tal comportamento evidenciou a participação dos bancos estrangeiros no processo de reestruturação do sistema bancário brasileiro. De 1995 até 1999 foram concedidas 87 autorizações para ingresso ou ampliação da participação do capital externo no mercado doméstico, incluindo compra de bancos, privatizações e permissões para criação de novas instituições (Rocha, 2002).

No Brasil, quem encabeçou o processo de consolidação bancária foi o próprio governo, todavia no final da década de 90 o processo passou para as mãos do mercado e a interferência do governo se reduziu, sendo conduzido por bancos privados nacionais e bancos estrangeiros. A desnacionalização foi mais uma opção de política governamental do que uma resposta à escassez de recursos dos bancos nacionais para a reestruturação do setor (Rocha, 2002).

Nota-se que o modelo contemporâneo de bancos no Brasil não é apenas resultado de uma mudança a partir da estabilidade gerada com a mudança de políticas como o plano Real e a participação estrangeira. Sabe-se da existência de uma relação mais profunda entre estabilidade em relação a inflação, interferência do governo por meio de programas, bom momento comercial dos bancos locais, busca por eficiência, busca por aumento de concentração e participação de mercado e fim de grandes distorções analisadas de forma macroeconômicas.

Após anos de aprimoramento, o Sistema Financeiro Brasileiro possui a seguinte Composição:

Quadro 1 – Composição do sistema financeiro

Órgãos Normativos	Entidades Supervisoras	Operadores
Conselho Monetário Nacional - CMN	Banco Central do Brasil - BACEN	Instituições financeiras captadoras de depósitos à vista
		Demais instituições financeiras
		Bancos de Câmbio
	Comissão de valores Mobiliários - CVM	Outros intermediários financeiros e administradores de recursos de terceiros
		Bolsas de mercadorias e futuros
		Bolsas de valores
Conselho Nacional de Seguros Privados - CNSP	Superintendência de Seguros Privados - SUSEP	Outros intermediários financeiros e administradores de recursos de terceiros
		Resseguradores
		Sociedades seguradoras
		Sociedades de capitalização
Conselho Nacional Complementar - CNPC	Superintendência Nacional de Previdência Complementar - PREVIC	Entidades abertas de previdência complementar
		Entidades fechadas de previdência complementar
		Fundos de Pensão

Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados do BACEN

1.1 Concentração bancária no Brasil

Muitos estudos evidenciam posições conflitantes quando se trata da concentração bancária. Sejam na literatura internacional ou nacional muitos autores já utilizaram o estudo da estrutura do mercado para investigar sua relação com variáveis como rentabilidade, competitividade, spread, taxa de juros ou até mesmo estabilidade.

De toda forma, os estudos demonstram que o sistema bancário no sentido mundial é concentrado, uma vez que de acordo com dados do Fundo Monetário Internacional (2010) entre 1990 e 2007, ocorreram 14.034 fusões e aquisições em 106 dos 143 países monitorados pelo FMI. Em 80% destes países a participação de mercado dos três maiores grupos financeiros é maior que 50%. Em 53 países, essa participação é maior do que 75%. Em 31 países, os três maiores conglomerados detêm mais de 90% dos ativos financeiros (SILVA; DIVINO, 2010).

Existem inúmeros índices que medem a concentração, a exemplo de Índice de Herfindahl-Hirschman (*HHI*), o índice Hannah e Kay (*HKI*), o índice de Hall-Tideman (*HTI*) e o índice de entropia de Theil (*T*). Basicamente para o caso do setor bancário a redução da quantidade de firmas ou o aumento da participação de mercado leva a crer um aumento no grau de concentração. Outra medida comumente aceita é o *Market Share*, ou seja, a participação de mercado.

Neste trabalho foram utilizados dados agregados para o *market share* constantes nos dados disponibilizados pelo Banco Central, na categoria Consolidado Bancário I. Onde os dados foram obtidos através da divisão do valor dos ativos totais do sistema pelo valor da soma dos ativos dos bancos pertencentes ao Consolidado Bancário I. Esta variável nomeou-se de *MSCO1* que se trata do *Market Share* do Consolidado Bancário I.

Na literatura internacional estudos como o de Allen e Gale (2004) sugerem que o aumento da competição faz com que as instituições financeiras sejam levadas a tomar maiores riscos. Levantando um argumento contra intuitivo de que um mercado mais concentrado traga uma maior estabilidade para o sistema.

Observa-se, no Brasil, uma tendência de aumento da concentração e a existência de um novo processo de consolidação bancária. Em 2008, as oito maiores instituições representavam 75,7% do total de ativos, do Sistema Financeiro Nacional. (CAMARGO, 2010).

Dentro deste processo, a participação de mercado dos bancos privados vem aumentando em detrimento da diminuição da participação dos bancos públicos.

De acordo com dados do Banco central, verifica-se que o setor atua com concentração. Quando por exemplo, agrupamos dados dos ativos totais dos 10 maiores Bancos que operam no País.

Tabela 1 – Relação dos ativos dos 10 maiores bancos

Instituições	Ativo Total
BB	1.218.525.361
ITAU	1.027.324.008
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	858.475.356
BRADESCO	776.724.294
SANTANDER	495.443.913
HSBC	159.948.239
SAFRA	130.111.584
BTG PACTUAL	115.901.631
VOTORANTIM	106.975.088
CITIBANK	54.297.355
Total das 10 maiores Instituições	4.943.726.829
Total Consolidado Bancário I (96 Instituições)	5.507.015.558

Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados do BACEN - Balanço de 2013

O processo histórico coloca o Brasil na condição de país emergente que segue para o observado sobre o paradigma geral. Nos países em que o sistema bancário possuía instituições basicamente voltadas para o mercado interno, de porte pequeno ou médio, e menos eficientes em relação aos padrões internacionais, a desregulamentação bancária e a liberalização resultaram em concentração e em desnacionalização bancárias. (CAMARGO, 2010). Sendo assim, a liberalização ocorrida após 1994 no país tornou o setor mais concentrado e esta de acordo com o observado em outros países similares.

Nakane (2002) utiliza dados agregados mensais de empréstimo no segmento livre de agosto de 1994 a agosto de 2000 utilizando a estatística feita por mínimos quadrados em dois estágios, encontrando baixos valores para concentração de mercado, mas cuja variável é estatisticamente significativa, fazendo com que o autor rejeite a hipótese de concorrência perfeita e também a hipótese de existência de cartel/conluio. Finalizando com o resultado de que os bancos brasileiros de certa forma possuem algum poder de mercado, enquanto que os valores encontrados demonstram a realidade de um sistema bem concorrido. O autor afirma que os altos *spreads* praticados no país não são decorrentes da baixa concorrência no setor, uma vez que não existem fundamentos suficientes para embasarem este argumento.

Em Tonooka e Koyama (2002), após análise da existência de concentração no mercado brasileiro e sua influência sobre a taxa de juros, os autores concluem que o grau de concentração medido pelo índice Herfindahl-Hirschman não tem influência sobre a taxa de juros sobre empréstimos, o que de acordo com os mesmos, contraria a hipótese de poder de mercado. Para o caso brasileiro ficou evidenciado que a variável inadimplência possui relação positiva com a taxa de juros enquanto que o índice de concentração sequer se mostrou significativo.

Em Tonooka e Koyama (2003), a participação de mercado tem influência sobre a taxa de juros em seis das doze modalidades analisadas, sendo uma influência negativa no caso de empréstimos a pessoa jurídica e uma influência positiva nas modalidades para pessoa física. Os autores consideraram os trabalhos de Demsetz (1973) e Peltzman (1977) onde a participação de mercado possui relação negativa com a taxa de juros, considerando que os ganhos de escala associados a maior participação de mercado sejam repassados para a taxa de juros, fazendo com que a taxa diminua. Entendendo que a relação negativa se deve aos ganhos de eficiência advindos de maior participação de mercado e que são repassados sob a forma de juros menores para determinado público, o que neste caso seriam as pessoas jurídicas, devido a maior facilidade de pesquisar, barganhar ou até mesmo escolher trocar de banco. Os autores também lembram que a exploração do poder de mercado é limitada pelo grau de substituição entre os produtos, pois quanto maior o grau de substituição menor a possibilidade de se exercer o poder de mercado.

Em estudo de Jorge Neto, Araújo e Ponce (2006) foi demonstrado que a indústria brasileira opera em regime de concorrência monopolista, indicando que mesmo no elevado grau de concentração os bancos não operam em cartel. Além disto, não foi identificada nenhuma tendência para aumento ou redução da concentração no Brasil.

Já em Araújo e Jorge Neto (2007) conclui-se que o maior grau de competição resulta em um maior nível de risco, independente de se considerar como *Proxy* para a estrutura de mercado uma medida do grau do comportamento competitivo ou uma medida de concentração.

Soriano (2002) utiliza um modelo de equilíbrio geral dinâmico onde são realizadas simulações do efeito de uma maior concorrência no setor, os bancos foram modelados tanto na situação em que possuem poder de mercado (oligopólio de Cournot) quanto nos casos em que atuam em concorrência perfeita. Os resultados apontam para uma diminuição dos *spreads* por um lado e um aumento da inadimplência por outro. O autor salienta que o papel da concorrência bancária para o bem-estar é bastante controverso, uma

vez que uma maior competição levaria a uma melhora na eficiência do sistema financeiro. Todavia observa-se que os lucros gerados pelo poder de mercado exercido pelos bancos são traduzidos em estabilidade do sistema bancário. Tal sistema possui um custo social de falência altíssimo, além disto, a estabilidade do sistema promove o crescimento de muitas outras firmas que dependem dos empréstimos bancários principalmente em situações onde as empresas são recém-constituídas. Havendo desta forma um *trade-off* de consequências negativas e positivas.

Em alguns aspectos a alta concentração do setor pode não se mostrar como um atributo negativo, já que se faz necessário que no sistema bancário as empresas que o compõem sejam robustas e sólidas. O sistema opera com confiança e risco, o tamanho da firma bancária pode atrapalhar a concessão de crédito e em muitos casos pode sequer alcançar o cliente, fato este ocorrido em muitos dos ditos pequenos bancos, que possuem dificuldades de captação de recursos pagando altas taxas de retorno ao dinheiro captado. Tal corrida pode ser danosa ao sistema e não faltam exemplos de intervenções do Banco Central preocupado com o andamento destas firmas. Além disto, dado o tamanho do banco é racional pensar que o mesmo não conseguirá atender a grande demanda de um grupo que opera em grandes operações mesmo este grupo possuindo boa classificação de risco.

No campo empírico e teórico este trabalho aponta vários argumentos que embasam a ideia de que a concentração no sistema bancário brasileiro pode ser vista de forma positiva. Devido sua estrutura de custos muito elevada, o sistema opera praticamente como um monopólio natural, a entrada de novos concorrentes é dispendiosa, e para atingir o nível de competitividade dos grandes bancos o investimento em infraestrutura, capital próprio, contratação de funcionário, marketing e outros custos diretos e indiretos torna o sistema praticamente fechado. Naturalmente o segmento já é de difícil entrada, o custo para instalação de uma grande rede de atendimento faz com que o hiato entre os pequenos e os grandes bancos só aumente. Esta característica obriga as atuais firmas bancárias a se reinventarem constantemente. É notória a preocupação em tecnologia da informação e automação bancária. Neste mercado com produtos tão homogêneos sobrevive a firma com a melhor relação custo benefício e que melhor atende seus clientes. Os bancos estão cada vez mais preocupados com os índices de reclamações e sabem que menos empresas no setor nem sempre significa menos concorrência. O padrão concorrencial dos principais *players* do mercado tornam quase obsoleto os demais bancos do sistema, iniciando uma corrida onde se obtém mais clientes os bancos que cobrem a maior quantidade de territórios menos bancarizados e oferecem maior excelência em seus serviços cobrando o mínimo de custo possível.

Mesmo com a redução na quantidade de bancos, o que se observa, de acordo com dados do Banco Central é o crescente número de novas agências que são inauguradas e passam a compor bancos que estão cada vez maiores. De forma que o serviço é oferecido a cada vez mais clientes e atualmente existe agência bancária operando até mesmo dentro de uma grande embarcação na Região da Amazônia. O sistema claramente não tenta excluir clientes a fim de elevar preço devido elevação de demanda em suas unidades. Ou seja, mesmo com o aumento na concentração a região de atuação dos bancos vem aumentando e isto reflete na bancarização da população que antes não tinha acesso aos serviços bancários. Desta forma cada nova agência funciona como um novo banco e opera como uma filial com características similares a uma franquia, onde existe uma pessoa responsável pelo gerenciamento da unidade e existe acima de tudo um arcabouço de rígidas normas e procedimentos que devem ser seguidos. Ocorrendo a percepção geral de qualidade apenas quando retratam a padronização ideal estabelecida pelas diretrizes de governança.

Observa-se claramente que ao longo do tempo o número de agências bancárias tem aumentado.

Tabela 2 – Relação entre quantidade de agências e quantidade de bancos

Ano	Nº de Agencias	Bancos
2000	16.277	126
2001	16.769	118
2002	17.157	117
2003	17.524	111
2004	17.484	108
2005	17.763	107
2006	18.121	103
2007	17.990	103
2008	18.426	101
2009	19.184	99
2010	20.073	100
2011	19.934	103
2012	21.413	101
2013	22.354	100
2014	22.903	96

Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados do BCB – Informações do Consolidado Bancário I

O estímulo do tomador para pagar o crédito é maior num sistema mais concentrado. O cliente sabe que a inadimplência em determinado banco impede o mesmo de operar neste banco. Uma maior quantidade de empresas do ramo bancário atuando no mercado, e principalmente exercendo seleção adversa, torna a inclusão da informação do mau pagador em cadastro de órgão de proteção ao crédito, como uma medida pouco eficiente, uma

vez que o inadimplente não será penalizado e a chance do mesmo vir a gerar mais inadimplência é ainda maior. As empresas que operam com clientes inadimplentes cobram altos juros e repassam o custo gerado pelo mau pagador ao bom pagador, e consegue nesta relação de risco obter lucro, o problema é que o consumidor final acaba pagando mais caro e os outros bancos elevam com este movimento suas taxas a fim de concorrer com taxas maiores uma vez que fica observado que o consumidor aceita pagar mais caro. Soma-se a isto a falta de conhecimento em finanças por parte da população que toma crédito e tem-se um enorme mercado de taxas altas com *spreads* elevados, caracterizados por empresas que praticam seleção adversa e trazem para o mercado clientes que não possuem capacidade e nem caráter para operar como tomador de crédito. Medidas como o cadastro positivo visam a melhorar a precificação do custo do dinheiro através da obtenção de maiores informações sobre o bom comportamento dos consumidores. Quanto menor o numero de firmas bancarias no setor, mais facilmente se movimenta a informação, afinal se seguirmos para um experimento teórico onde apenas exista um banco, fica claro que este possui todas as informações necessárias para ponderar corretamente o risco, assim como terá o poder de excluir os indivíduos que não possuem capacidade de tomar crédito. Desta forma, através do receio de ser excluído do sistema e sabendo da transparência de informações, a predisposição a adimplência subiria consideravelmente, tornando a não cobertura de um dado contrato uma reação apenas necessária em casos extremos, emergenciais e imprevisíveis.

Neste mesmo cenário pode-se concluir também que o problema da assimetria de informações é em grande parte resolvido, valendo a mesma argumentação e exercício teórico.

Um banco precisa ter solidez e garantir segurança para o capital dos clientes que diariamente realizam seus depósitos. Verifica-se que para o cliente, um dos fatores analisados antes de realizar um depósito é o tamanho do banco, levando a uma concentração e facilidade na obtenção de recursos para emprestar por parte dos grandes bancos, enquanto que os pequenos sofrem esta dificuldade. Tal movimento de forma até mesmo sem pensar, faz com que o poupador manifeste o interesse por um sistema mais concentrado. Para vencer este movimento os pequenos bancos oferecem taxas de retorno acima das taxas de mercado e geram no lado da captação um desequilíbrio parecido com aquele gerado pelos bancos que emprestam por seleção adversa, levando recurso a maus pagadores, seja por uma questão de estratégia interna do banco ou até mesmo por não ter investido suficiente e esteja aumentando o risco no setor devido a sua baixa competência.

O sistema menos concentrado tem menos chances de atender de forma satisfatória o interesse de dois extremos corporativos. Por um lado têm-se pequenas firmas de outros

setores, muitas abertas há pouco tempo, que precisam de crédito, mas o grau de mortalidade é muito elevado. E de outro lado tem-se grandes corporações que necessitam de uma quantidade muito alta de recursos e onde não é totalmente inexistente a probabilidade de bancarrota. Nestes dois casos apenas um mercado bancário concentrado e bem gerido pode oferecer soluções sem prejudicar ou aumentar o risco do poupador. Deve-se manter em mente que o recurso emprestado é obtido através da relação do banco com seus poupadores e jamais se pode esquecer que o papel do banco é atuar como intermediador financeiro. Desta forma um oligopólio de grandes empresas do ramo bancário que concorrem entre si é uma resposta bem mais eficiente do que um ambiente de livre concorrência.

Em relação ao sistema jurídico, os custos são elevados e a execução de garantias sofre um processo demorado e ineficiente. Nos bancos, muitos contratos em atraso sequer são levados para ajuizamento, escolhendo-se assim uma faixa de valor de contrato como gatilho para envio. Muitos contratos não compensam o custo de serem cobrados. Tais custos costumam diminuir quando considerados em novas escalas. Um banco que envia muitos contratos começa a ter fluidez e expertise na adaptação com o sistema jurídico, acarretando um percentual maior de contratos ajuizados a um custo muito menor. Desta forma os ganhos de escala provenientes de uma maior concentração no setor, tornaria o sistema jurídico no que tange a execução de garantias, um sistema menos moroso e mais eficiente.

Em relação às metodologias de determinação do *spread* bancário, existem duas análises que podem ser comparadas e reforçam os benefícios de uma maior concentração. Tem-se a Taxa Preferencial Brasileira, TPB que será detalhada no segundo capítulo, onde as operações são maiores e a quantidade de bancos é menor, e tem-se a mensuração usual do *spread* total. No caso da TPB, a participação percentual da inadimplência diminuiu no período da crise de 2008 e seus valores reais praticamente se mantiveram constantes. No caso do *spread* total a participação percentual da inadimplência praticamente se manteve, o que demonstrou em termos reais um enorme aumento da inadimplência e em consequência do *spread*. Ou seja, o *spread* total é mais sensível ao risco de mercado. Um mercado mais concentrado, como no caso do mercado analisado pela TPB é detentor de maiores informações e opera de forma mais eficiente, por isso possui menores perdas e consequentemente menor *spread*.

É válido ressaltar que este trabalho utiliza como dados para estimação do modelo econométrico do terceiro capítulo apenas o *spread* total do Consolidado Bancário, sendo o *spread* TPB indicado para futuras verificações quando estiverem disponíveis os dados para um período maior do que este trabalho apresenta. Em suma, a utilização da TPB dentro do

modelo sugerido neste trabalho ainda não é possível devido à escassez de dados desta nova metodologia.

No setor bancário o poder de mercado adquirido com a menor concentração ajuda a externalizar benefícios para outros setores. Uma vez que os lucros gerados pelo poder de mercado exercido pelos bancos são traduzidos em estabilidade do sistema bancário. Tal sistema possui um custo social de falência altíssimo, além disto, a estabilidade do sistema promove o crescimento de muitas outras firmas que dependem dos empréstimos bancários principalmente em situações onde as empresas são recém-constituídas.

Quando os ganhos de escala, provenientes da maior participação de mercado são repassados para a taxa de juros a participação de mercado possui relação negativa com a taxa de juros. Uma vez que o aumento da concentração não necessariamente será acompanhado por uma redução no nível de competição das empresas existentes, o cliente poderia migrar entre as empresas do oligopólio para aquele que ofertasse melhores condições, além disto, o mercado é regulado por órgãos externos, e através destes órgãos a competição é estimulada. Como exemplo pode-se citar a portabilidade de contas, salários e operações de crédito.

Mesmo com o aumento da concentração ao longo dos anos, e após todo o processo de reestruturação do sistema financeiro tem ocorrido um aumento na relação crédito privado /PIB, tal relação demonstra robustez do sistema financeiro uma vez que as operações de crédito privado atuam diretamente na produção interna do país. De acordo com o Banco Mundial, Países que apresentam uma elevada relação Crédito Privado/PIB têm sustentado fortes taxas de crescimento. The world Bank (2001).

Tabela 3 – Valores nominais do PIB e do volume de crédito total

Período	PIB	Volume de Crédito	Crédito Privado/PIB
2001	1.302.136	336.376	25,8%
2002	1.477.822	384.396	26,0%
2003	1.699.948	418.258	24,6%
2004	1.941.498	498.722	25,7%
2005	2.147.239	607.023	28,3%
2006	2.369.484	732.590	30,9%
2007	2.661.344	935.973	35,2%
2008	3.032.203	1.227.294	40,8%
2009	3.239.404	1.414.304	44,4%
2010	3.770.085	1.705.890	45,2%
2011	4.143.015	2.029.998	48,8%

Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados do IBGE e BACEN

2 SPREAD BANCÁRIO E CRÉDITO

Em sua definição pura, o *Spread* pode ter várias definições, a literatura econômica segue a linha de autores como Costa (2004), Oliveira e Carvalho (2003) e Oreiro e Paula (2005) que destacam que o *spread* bancário é a diferença entre os custos de captação e os juros cobrados nos empréstimos.

A mensuração do *spread* bancário apresenta duas formas conceituais: uma é o *ex-ante*, de acordo com as taxas estabelecidas pelos bancos e a outra é o *ex-post*, de acordo com os resultados financeiros realizados pelo banco, de forma que o *spread* bancário *ex-ante* é mensurado a partir das decisões de precificação dos bancos em relação às taxas de captação e de empréstimos, anteriores à realização de seu resultado. Leal, (2006)

O *spread ex-ante* é normalmente calculado como a diferença entre a taxa juros de empréstimo e a taxa de juros de captação do banco, a partir de informações sobre as operações bancárias coletadas e divulgadas pelos Bancos Centrais. Enquanto que o *spread* bancário *ex-post* é a mensuração do resultado da intermediação financeira realizado pelos bancos, de acordo com as receitas efetivamente geradas pelas operações de crédito e com o custo efetivo de captação dos recursos, ambos possivelmente relacionados com as taxas estabelecidas *ex-ante*.

O *spread* mantém relação direta entre os ganhos dos bancos, sendo que obviamente é errado supor que o *spread* é igual ao lucro. A fim de entender quais os componentes do *spread* e com quais variáveis o mesmo se relaciona, pode-se através do Banco Central utilizar o Relatório de Economia Bancária e compreender proporcionalmente quais os componentes do *spread*, para que com isso se possa pensar em políticas para diminuí-lo. Uma vez que o *spread* brasileiro é considerado um dos mais altos do mundo.

De acordo com Costa e Nakane (2004), as altas taxas de juros praticadas nos contratos de empréstimo no Brasil, geram recuo da atividade econômica e uma das mais baixas relações entre volume de crédito privado/PIB do mundo. De forma que não é benéfico para o sistema e é claramente ineficiente. Uma vez que a principal atividade de um banco é operar como intermediador financeiro, provindo recursos para agentes deficitários com necessidade real de consumo imediato e remunerando agentes superavitários pelo adiamento do consumo que seria possível caso utilizasse o recurso financeiro. Esta relação deve ser harmoniosa e eficiente, caso contrario a estabilidade do sistema estará sendo ameaçada por uma possível crise de demanda ou oferta.

Mesmo envolto de todas as preocupações o *spread* brasileiro se destaca por ser alto e muitos autores investigam quais os motivos desta realidade. Estudos como o de Costa e Nakane (2004), destacam como causas possíveis a alta remuneração dos títulos públicos, os altos níveis de inadimplência e as incertezas relacionadas à instabilidade econômica.

Esta realidade perdura há bastante tempo e mesmo após a estabilização da economia com o Plano Real, as taxas brasileiras ainda não alcançaram os patamares internacionais. Após o processo de abertura do mercado financeiro brasileiro ao exterior e a mudança para o regime de taxas de câmbio flexíveis era esperado um efeito mais imediato e uma diminuição maior dos *spreads*. Para Oreiro e Paula (2005) Os estudos realizados não são conclusivos para afirmar que a baixa concorrência no setor eleve os níveis de *spread*. O autor expõe a justificativa da FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos que alega que os altos *spreads* resultam do *crowding out* do governo no mercado de títulos em razão de sua elevada dívida, dos níveis elevados do compulsório sobre os bancos, da tributação excessiva sobre as operações de crédito e o elevado volume de crédito direcionado. De forma que os bancos estariam com menos recursos para emprestar e com isso o custo se elevaria.

Dentre os trabalhos que analisam a relação entre o *spread* e os fatores que o influenciam, dentre os quais a concentração no mercado bancário, pode-se citar dentre outros, Manhiça e Jorge (2012) que analisaram os determinantes macroeconômicos do *spread* com ênfase para a taxa básica de juros no período entre o primeiro trimestre de 2000 ao terceiro trimestre de 2010. Eles estimaram um modelo com dados em painel dinâmico a partir do método de GMM em dois estágios e obtiveram uma relação inversa entre a *market share* para as operações de crédito como medida de concentração para o setor bancário e a variável dependente de *spread*.

Chortareas *et al.* (2009) analisaram a relação entre estrutura de mercado, lucratividade e *spreads* na indústria bancária no México para o período entre 1996 a 2003. Eles não encontraram evidências de que concentração, medida pelo HHI e *market share* fossem associadas com altas taxas de *spread*. Além disso, eles observaram que para o *Proxy* de ineficiência selecionada por eles foi negativa e significativamente relacionada com os lucros e os *spreads* bancários no setor bancário do México no período 1996 a 2003.

Fabris (2010) analisou alguns determinantes micros institucionais e macroeconômicos do *spread* bancário. A autora utilizou para medida de concentração bancária a *market share* do ativo circulante dos três maiores bancos com relação ao dos bancos de toda a área bancária. Para essa variável ele obteve uma relação inversa com a variável dependente de *spread* bancário.

Almeida (2013) estudou os determinantes do *spread* bancário em Cabo Verde para o período entre 2004 e 2010. Ele elaborou um modelo econométrico no qual observou uma relação negativa e estatisticamente significativa do *spread* bancário com a concentração de mercado (CR2), constituída pelos ativos dos dois maiores bancos em relação ao total de ativos do setor bancário. Além disso, ele observou uma relação negativa e estatisticamente não significativa da quota de mercado, razão entre o total de ativos de um banco i no tempo t com relação a todos os bancos do país, com o *spread* bancário.

O Banco Central vem estimando desde 1999, através do relatório sobre Economia Bancária e Crédito, a decomposição e os determinantes do *spread*. Através do último relatório de economia bancária e crédito divulgado em 2013 com dados do ano de 2012 o Banco Central decompõe o *spread* bancário em custos administrativos, inadimplência, compulsório, margem bruta, impostos diretos e margem líquida. E utiliza a decomposição do *spread* prefixado total para bancos públicos e privados e também uma nova abordagem através da decomposição via TPB – Taxa Preferencial Brasileira.

Os custos administrativos são os custos operacionais do negócio, a inadimplência é o risco de não recebimento dos recursos emprestados, o compulsório é somado ao subsídio cruzado aos encargos fiscais e ao Fundo Garantidor de Crédito sendo todas estas variáveis responsáveis por um percentual menor de capital disponível. A margem bruta soma os custos administrativos a inadimplência e o compulsório e diminui do *spread* total. Em cima deste resultado incide os impostos diretos que após serem descontados sobra a margem líquida dita como o real lucro dos bancos.

Tabela 4 – Decomposição do *spread* bancário prefixado – total - Em proporção (%) do *spread*

Discriminação	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
1. <i>Spread</i> Total	100	100	100	100	100	100	100	100
2. Custo Administrativo	19,5	20,42	19,41	17,89	18,15	10,16	14,25	12,56
3. Inadimplência	31,7	24,29	27,57	30,52	28,42	26,71	30,59	28,74
4. Compulsório + Subsídio Cruzado + Encargos Fiscais e FGC	13,8	9,4	8,07	6,14	6,45	5,23	5,26	4,08
5. Margem Bruta, Erros e Omissões (1-2-3-4)	35	45,89	44,95	45,46	46,98	57,9	49,91	54,62
6. Impostos Diretos	10,6	15,63	15,31	15,49	16,04	23,2	19,97	21,89
7. Margem Líquida, Erros e Omissões	24,4	30,25	29,64	29,97	30,95	34,69	29,94	32,73

Fonte: Depep/BCB

Tabela 5 – Decomposição do *spread* bancário prefixado – total - Em pontos percentuais (p.p.)

Discriminação	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
A-Taxa de Aplicação	53,82	53,11	53,33	47,31	40,18	52,91	40,32	39,7
B-Taxa de Captação	23,81	17,55	16,93	12,55	11,78	12,93	10,51	11,83
1- <i>Spread</i> Total	30,01	35,56	36,4	34,76	28,4	39,98	29,81	27,87
2-Custo Administrativo	6,56	7,26	7,06	6,22	5,15	4,06	4,25	3,5
3-Inadimplência	9,52	8,64	10,04	10,61	8,07	10,68	9,12	8,01
4-Compulsório + Subsídio Cruzado + Encargos Fiscais e FGC	2,03	3,34	2,94	2,13	1,83	2,09	1,57	1,14
5-Margem Bruta, Erros e Omissões (1-2-3-4).	11,9	16,32	16,36	15,8	13,34	23,15	14,88	15,22
6- Impostos Diretos	5,05	5,56	5,57	5,38	4,55	9,28	5,95	6,1
7-Margem Líquida, Erros e Omissões (5-6).	6,85	10,76	10,79	10,42	8,79	13,87	8,92	9,12

Fonte: Depep/BCB

A análise da decomposição do *spread* bancário denota uma forte participação da variável inadimplência, de forma que uma maneira possível para redução dos *spreads* e melhoria para a população geral se dá através de uma redução significativa no índice de inadimplência. O estímulo a pagar o crédito por parte do tomador deve ser reforçado, a fim de obter redução de perdas, gerando redução da inadimplência, do *spread* e conseqüentemente da taxa de juros.

Em relação à nova abordagem do Banco Central via TPB pode-se esclarecer que a Taxa Preferencial Brasileira foi apresentada no relatório de estabilidade financeira de setembro de 2011 do Banco Central do Brasil, basicamente, ao invés de calcular a diferença nos custos de aplicação e captação de todos os clientes de todos os bancos nas principais carteiras que envolvem a oferta de crédito, o que é o caso do *spread* geral, esta taxa tem a sensibilidade de mensuração de apenas clientes ditos preferenciais, ou seja, clientes cujo risco é baixo. Contemplando apenas operações de alto valor concedido a clientes com baixo risco de inadimplência, de forma que torna mais comparável a situação do *spread* brasileiro ao observado em outras nações.

São considerados clientes preferenciais aqueles que apresentam, simultaneamente, as seguintes características: (i) ser pessoa jurídica; (ii) possuir operações de crédito com três ou mais instituições financeiras; (iii) ter, pelo menos, uma operação em curso normal com valor maior ou igual a R\$ 5 milhões; (iv) possuir, pelo menos, uma operação com classificação de risco “AA”; (v) possuir operações classificadas nos riscos “AA” e “A”, cuja soma corresponda a, no mínimo, 90% (noventa por cento) do total de seu endividamento perante o Sistema Financeiro Nacional (SFN); e (vi) não possuir operações com atraso

superior a noventa dias que representem mais que 1% do total de seu endividamento junto ao SFN.

É válido ressaltar novamente que este trabalho utiliza como dados para estimação do modelo econométrico do terceiro capítulo apenas o *spread* total do Consolidado Bancário, sendo o *spread* TPB indicado para futuras verificações quando estiverem disponíveis os dados para um período maior do que este trabalho apresenta. Em suma, a utilização da TPB dentro do modelo sugerido neste trabalho ainda não é possível devido à escassez de dados desta nova metodologia.

Com a forte crise financeira de 2008 pode se observar ao analisar a decomposição do *spread* TPB que a participação da inadimplência em termos percentuais ao valor total do *spread* sofreu uma acentuada queda, pois os níveis de inadimplência para esta categoria se mantiveram constantes, onde o custo da aplicação subiu e paradoxalmente os bancos ganharam mais. Afinal o cliente bom pagador conhecendo a justificativa da crise aceitou pagar mais caro para obter o recurso.

Ao analisar o *spread* total, a participação da inadimplência manteve-se nos mesmos níveis, evidenciando um aumento da inadimplência, e conseqüentemente um aumento dos *spreads* de forma que diferente do observado na taxa TPB o *spread* total é muito mais sensível ao risco de mercado do que o *spread* calculado através da TPB, afinal as grandes massas atendidas por uma grande quantidade de bancos possuem um maior nível de imperfeição. Isto nos permite concluir que um mercado mais concentrado é detentor de maiores informações sobre seus clientes, e opera de forma específica, possuindo além da uma taxa de *spread* menor, uma maior constância em seus indicadores.

A TPB de 2007 para 2008 possuía no determinante inadimplência a participação de 33,85% e caiu para 13,16%. Tendo sido a inadimplência para 2007 de 0,99 e subido para 1,11 em 2008. Tal elevação no índice de forma alguma justifica a grande queda na sua participação, já que neste caso o *spread* subiu, mas a inadimplência praticamente se manteve. No caso da taxa *spread* total em 2007 a inadimplência participava com 28,42% e caiu para 26,71%. A inadimplência observada em 2007 foi de 8,07 e subiu para 10,68 em 2008. Um aumento muito maior proporcionalmente do que o aumento observado no TPB. Em ambos os casos observa-se o mesmo movimento, a participação no indicador diminui enquanto que o seu valor absoluto aumenta, observa-se que na crise de 2008 o *spread* se elevou, no caso da TPB em 2007 de 2,94 para 8,44 em 2008, o *spread* total saiu de 28,40 em 2007 para 39,98 em 2008.

Tabela 6 – Decomposição do *spread* bancário prefixado – TPB - Em proporção (%) do *spread*

Discriminação	2007*	2008	2009	2010	2011	2012
1. <i>Spread</i> Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
2. Custo Administrativo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
3. Inadimplência	33,85	13,16	33,50	24,40	21,27	33,60
4. Compulsório + Subsídio Cruzado + Encargos Fiscais e FGC	9,44	14,52	12,71	11,68	9,06	9,25
5. Margem Bruta, Erros e Omissões (1-2-3-4)	56,71	72,33	53,78	63,92	69,67	57,15
6. Impostos Diretos	22,68	28,93	21,51	25,57	27,87	22,86
7. Margem Líquida, Erros e Omissões	34,02	43,40	32,27	38,35	41,80	34,29

Nota: *Dados da TPB anteriores a 2007 não foram encontrados. Tal motivo é explicado, pois se trata de uma nova metodologia.

Fonte: Depep/BCB

Tabela 7 – Decomposição do *spread* bancário prefixado – TPB - Em pontos percentuais (p.p.)

Discriminação	2007*	2008	2009	2010	2011	2012
A-Taxa de Aplicação	13,79	21,78	13,85	15,53	15,59	10,96
B-Taxa de Captação	10,87	13,34	8,48	10,16	9,76	7,15
1- <i>Spread</i> Total	2,92	8,44	5,37	5,37	5,83	3,81
2-Custo Administrativo	0	0	0	0	0	0
3-Inadimplência	0,99	1,11	1,8	1,31	1,24	1,28
4-Compulsório+Subsídio Cruzado+Encargos Fiscais e FGC	0,28	1,22	0,68	0,63	0,53	0,35
5-Margem Bruta, Erros e Omissões (1-2-3-4-5).	1,66	6,1	2,89	3,43	4,06	2,18
6- Impostos Diretos	0,66	2,44	1,16	1,37	1,62	0,87
7-Margem Líquida, Erros e Omissões (6-7).	1	3,66	1,73	2,06	2,44	1,31

Nota: *Dados da TPB anteriores a 2007 não foram encontrados. Tal motivo é explicado pois se trata de uma nova metodologia.

Fonte: Depep/BCB

À vista dos resultados obtidos na decomposição do *spread* seja da taxa geral, para bancos públicos, privados, seja das operações com clientes preferenciais percebe-se que a participação da inadimplência e da componente “margem bruta erros e omissões” no *spread* bancário é relevante, havendo espaço para redução dessa componente. Assim, o banco Central entende que a queda dos *spreads* bancários deve, necessariamente, estar relacionada a ações que visem, entre outros aspectos, aumentar a eficiência do sistema financeiro bem como reduzir a inadimplência. (RELATÓRIO ECONOMIA BANCÁRIA E CRÉDITO, 2010).

Sem dúvida, nos últimos anos, o *spread* se reduziu bastante, todavia mesmo com todas as melhorias observadas, a situação brasileira ainda apresenta um dos *spreads* mais elevados do mundo, existindo, contudo críticas na forma de comparação entre a realidade do Brasil e a de outros países, neste sentido muito já se tem feito para se encontrar um denominador comum e ter tanto condições igualitárias para a população quanto índices condizentes com os níveis globais.

Neste sentido, existe um enorme esforço por parte do sistema financeiro brasileiro e do Governo Federal em diminuir os spreads bancários, afinal a redução torna a intermediação financeira mais eficiente e beneficia diretamente à população.

Desta forma, medidas que visem diminuir a inadimplência mesmo ao custo de uma maior concentração de mercado não devem parecer inconcebíveis. Até porque em alguns pontos, mesmo evidenciando controvérsias na relação entre concentração e taxa de juros, pode-se indiretamente verificar a relação entre inadimplência e concentração já que existe uma relação direta entre a inadimplência das operações de crédito e o nível da taxa de juros cobrada pelos bancos.

O aumento da concentração pode ter sido em parte uma força colaborativa para a redução dos spreads, no sentido de que através de uma maior concentração, falhas de mercado como a assimetria de informações pode ter sido suavizada e indicadores de grande peso nos determinantes do spread como a inadimplência, podem se reduzir devido à elevação da concentração. Este processo gera firmas maiores e com maior base de clientes, tal conhecimento e poder de mercado reduz as perdas no setor, o que diretamente também contribui para melhoria da eficiência das intermediações financeiras.

A redução da inadimplência reduz um dos maiores componentes do *spread* e com isso ele se reduz. Tenta-se se estabelecer a relação de quanto maior a concentração no setor, menor a inadimplência e quanto menor for a inadimplência, menor será a taxa *spread*. Para concluir que, quanto maior a concentração menor o *spread* via a redução na inadimplência.

Os altos níveis da taxa *spread* são resultado das imperfeições de mercado, na figura das informações assimétricas as quais os bancos emprestam sem a correta precificação e análise do cliente. De forma que o efeito da inadimplência em grande parte é gerado pelas próprias empresas que compõem o sistema financeiro que em sua sede de lucros e corrida concorrencial, empresta o dinheiro captado sem a correta análise do tomador, além disto, a morosidade do sistema jurídico não permite uma solidez maior das garantias oferecidas. Tais processos elevam as taxas de juros e consequentemente a taxa *spread*.

3 ANÁLISE EMPÍRICA

Este capítulo inicia-se com a metodologia, em seguida são demonstradas as estatísticas descritivas das variáveis passando posteriormente á matriz de correlação das variáveis que serão utilizadas no modelo para resultar na especificação do modelo econométrico. Acarretando numa breve discussão sobre os resultados.

3.1 Metodologia

Para analisar a relação entre os fatores que afetam o *spread* geral e a concentração bancária foi elaborada uma pesquisa bibliográfica e exploratória em que se faz uso de dados secundários de instituições especializadas voltadas para a área de economia bancária, em particular o *site* do Banco Central do Brasil (BCB).

Neste trabalho foi estimado um modelo de regressão linear múltipla pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Em relação à base de dados, foram estimados dados trimestrais de 2003 a 2010 no total de 32 observações para cada variável. Nesta ocasião utilizaram-se dados agregados via Cross Section de todas as variáveis.

Os dados de cada variável que compõem o modelo estão em trimestres e compreendem o período de 2003 a 2010, a escolha das datas retrata a data inicial de mudança política no país e a data final se da pelo ultimo ano da metodologia utilizada pelo Banco Central para medir *spread* total pré-fixado.

Inicialmente extraíram-se dados para o SPREAD e MSCB1, sendo esta última variável a relação do *market share* dos maiores bancos do consolidado bancário 1 dividido pelos ativos totais do sistema. Tal variável captura a mensuração da concentração bancária.

Os dados sobre o *spread* foram divulgados pelo banco central, e o ano de 2010 é o ultimo período da antiga metodologia que era utilizada para o calculo do *spread*. A fim de obter o market share, foram verificados os relatórios do consolidado bancário, onde foi utilizado a razão entre os ativos totais dos maiores bancos do consolidado bancário 1 pelo ativo total dos bancos do sistema.

Em seguida, houve uma seleção entre as melhores variáveis constantes no consolidado bancário, onde se utilizou do racional defendido neste trabalho para extrair novas variáveis para o modelo. Iniciou-se pensando na variável DEPOSITO, uma vez que se pensou na relação do *spread* e na sua forma de cálculo. Sabe-se que os custos pagos pela captação poderiam ser sentidos na variável DEPOSITO, além disto, buscou-se verificar qual seria o

efeito desta importante variável no *spread* uma vez que o comportamento da firma bancaria parece não operar como outros tipos de firmas, neste caso um aumento na quantidade de depósitos poderia acarretar uma redução nos valores pagos pelos bancos aos depositantes uma vez que teriam este recurso com abundancia e estariam menos propensos a elevar taxas de captação gerando com isso um possível efeito de aumento de *spread*, evidenciado através de uma forte redução nos custos de captação gerando um maior nível de *spread*. Como *spread* é dado pela diferença entre as receitas das taxas de aplicação com os custos de captação dos bancos, se for possível manter as mesmas taxas de aplicação seguindo por uma redução das taxas de captação o que será obtido é um valor de ordem maior para o *spread*. Desta forma buscaremos paralelamente verificar se uma elevação dos depósitos aumenta o *spread* através de uma redução dos custos de captação causados pelo aumento da demanda, ou seja, o deposito pode indiretamente após um aumento, elevar o nível de *spread*.

Em seguida, pensou-se nas operações inversas dos DEPOSITOS, ou seja, os volumes de CRÉDITO. Com esta variável através de uma análise consolidada buscou-se verificar se momentos de restrição de crédito como, por exemplo, em períodos de crise, como a de 2008, os spreads se elevam com a retração do crédito ou se tem um aumento no nível das taxas, uma vez que o recurso se torna mais escasso.

A variável LUCRO LIQUIDO é por si só um componente do *spread*. Já é esperada uma relação significativa. A intenção é utilizar variáveis como LUCRO LIQUIDO e SELIC para dar mais robustez ao modelo, uma vez que ambas as variáveis são componentes utilizados na metodologia do calculo do *spread*.

No campo macroeconômico extraíram-se as duas variáveis mais relevantes do cenário brasileiro: PIB e IPCA. Espera-se que um aumento no PIB do país eleve o nível de *spread*, e que o índice de inflação também siga a mesma tendência através de um aumento da demanda por crédito, mesmo ao preço de um maior endividamento. Até porque caso seja atingido este cenário, um aumento no endividamento pode resultar em aumento de inadimplência e como se sabe a inadimplência está diretamente relacionada ao *spread* e um aumento da inadimplência mantendo tudo mais constante poderá elevar o *spread*. Por ultimo a inclusão de uma *dummy* de crise para verificar os efeitos da crise de 2008.

Após uma segunda seleção das variáveis através do método de tentativa e erro e na busca das variáveis que melhor se ajustavam ao modelo foi estimado um modelo com as seguintes variáveis: SPREAD, MSCB1, DEPÓSITO, LUCRO LIQUIDO, PIB, SELIC.

Os dados para a elaboração desse trabalho estão disponíveis no *site* do Banco Central do Brasil (BCB) no consolidado bancário sistema financeiro nacional no qual abrange

os dados para o grupo das instituições bancárias que atuam no Brasil entre bancos nacionais, estrangeiros, públicos e privados. Em relação aos dados macroeconômicos – PIB real, taxa de juros SELIC, no *site* do IPEA na base de dados IPEADATA.

3.2 Estatísticas descritivas das variáveis

A partir dos dados da tabela 8 nota-se uma baixa dispersão, em termos do valor do desvio-padrão para as variáveis SPREAD e MSCB1, além do PIB e da SELIC. Já as variáveis DEPOSITO e LUCRO LIQUIDO apresentam dispersão mais elevada. Isso se dá devido à natureza dos dados, uma vez que como podem ser observadas as amplitudes para as variáveis com menores desvios-padrão são bem menores comparativamente as variáveis com maiores desvios-padrão.

Tabela 8 – Estatísticas descritivas das variáveis do modelo econométrico

	SPREAD	MSCB1	DEPOSITO	LUCRO LIQUIDO	PIB	SELIC
Média	27.49896	0.878175	8362665	170628.5	4.070871	14.73375
Mediana	27.64000	0.874399	8386888	147805.5	4.798045	13.83000
Máximo	33.50000	0.907233	20300031	404700.0	9.344073	25.31000
Mínimo	23.43333	0.856260	4347593	9927.000	-2.713038	8.350000
Desvio-padrão	2.538604	0.012038	3205483	94637.31	3.054099	4.711554

Fonte: Elaborada pelo autor através de dados do software de estimação

3.3 Matriz de correlação das variáveis do modelo econométrico

Para analisar as relações entre as variáveis de estudo constituintes do modelo econométrico, foram feitas na tabela a seguir uma matriz de variância-covariância e uma matriz de correlações para analisar qual o grau de associação entre essas variáveis e para se analisar qual a intensidade e sentido dessas correlações entre as variáveis escolhidas para o modelo econométrico no âmbito dessa pesquisa.

Pela observação da tabela 9 nota-se que há uma correlação positiva da variável de *spread* bancário em relação à variável SELIC e PIB, porém existe uma correlação negativa entre SPREAD e DEPOSITO, PIB, LUCRO LIQUIDO e MSCB1, porém uma correlação fraca. As variáveis SELIC e SPREAD apresentam uma correlação forte em torno de 0.839678. As correlações não são próximas de zero, o que nos dá uma evidência mesmo que tênue de que não há indícios de multicolinearidade entre essas variáveis. Ademais, nota-se uma correlação negativa e fraca entre SPREAD e MSCB1, de magnitude igual a -0.017197.

Neste ponto, todo referencial teórico do trabalho aponta para que a aparente correlação negativa entre SPREAD e MSCB1 se expresse no modelo econométrico com relações inversas e manutenção do nível de significância mínimo aceitável. Nota-se que a correlação negativa é fraca, mas a partir do modelo econométrico obter-se-á efetivamente a relação entre as variáveis.

Tabela 9 – Matriz de correlação das variáveis do modelo econométrico

	SPREAD	MSCB1	DEPOSITO	SELIC	PIB	LUCRO LIQUIDO
SPREAD	1.000000	-0.017197	-0.388291	0.839678	-0.658372	-0.483637
MSCB1	-0.017197	1.000000	0.550502	-0.145950	-0.162912	0.355891
DEPOSITO	-0.388291	0.550502	1.000000	-0.637475	-0.090294	0.405567
SELIC	0.839678	-0.145950	-0.637475	1.000000	-0.340941	-0.465551
PIB	-0.658372	-0.162912	-0.090294	-0.340941	1.000000	0.216773
LUCRO LIQUIDO	-0.483637	0.355891	0.405567	-0.465551	0.216773	1.000000

Fonte: Elaborada pelo autor através de dados do software de estimação

3.4 Especificação do modelo econométrico

Após análise das estatísticas descritivas e análise da matriz de correlação, as variáveis que melhor se ajustaram no modelo seguem descritas no modelo a seguir.

O modelo econométrico utilizado para a estimação dos fatores relacionados com o *spread* bancário geral e a medida de concentração bancária apresenta a seguinte especificação:

$$SPREAD_i = \beta_1 + \beta_2 PIB_i + \beta_3 SELIC_i + \beta_4 LUCROLIQUIDO_i + \beta_5 MSCB1_i + \varepsilon_i$$

A variável dependente: *SPREAD* é constituído pelos dados sobre o *spread* geral do BCB com taxas trimestrais a partir de uma média obtida através de dados mensais. Os valores para essa variável foram obtidos do *site* do BCB.

MSCB1 constitui a *market-share* para o total dos maiores bancos do consolidado bancário I do BCB em relação ao total do número de bancos em todos os consolidados bancários.

PIB constitui a variação no Produto Interno Bruto real a preços de mercado.

SELIC refere-se à taxa de juros básica Selic estabelecida pelo Conselho de Política Monetária (COPOM) do Banco Central do Brasil.

LUCRO LIQUIDO representa a média do lucro líquido total para todos os bancos do consolidado bancário do BCB.

A variável DEPOSITO não interagiu bem no modelo e reduzia a robustez prejudicando resultados encontrados, motivo pelo qual foi retirada da análise.

3.5 Resultados e discussões

Como pode ser observado nesse modelo, as variáveis SELIC, PIB e MSCB1 foram estatisticamente significativas ao nível de significância de 1%, enquanto a variável LUCRO LIQUIDO foi estatisticamente insignificante. Da mesma forma o intercepto se mostrou estatisticamente insignificante. Ademais, cabe observar que as variáveis SELIC e MSCB1 apresentam um efeito positivo sobre a variável dependente *spread*, porém de baixa magnitude, observa-se ainda uma relação positiva entre as variáveis MSCB1 e a variável *SPREAD*. Quanto ao ajustamento do modelo, observa-se um grau de ajuste de cerca de 86% para o coeficiente de determinação, o que indica que cerca de 86% do total das variações na variável dependente *SPREAD* é explicado por variações no conjunto das variáveis dependentes desse modelo.

Tabela 10 – Modelo econométrico

Variável Dependente: <i>SPREAD</i>			
Variável	Coefficiente	Estatística t	
SELIC*	0.360824	8.240684	
PIB*	-0.314661	-5.153941	
LUCRO_LIQUIDO	-3.61E-06	-1.683686	
MSCB1*	27.41726	25.10221	
R-squared			0.864969
Adjusted R-squared			0.850501

Nota: Variáveis com * Nível de significância em 1%.

Fonte: Elaborada pelo autor através de dados do software de estimação.

Tabela 11 – Teste de Wald para o modelo econométrico

Estatística de teste	Valor	Graus de liberdade	Probabilidade
F-statistic	6323.906	(4, 28)	0.0000
Chi-square	25295.62	4	0.0000
Hipótese nula: C(1) =C(2) =C(3) =C(4) =0			
Restrição normalizada (=0)	Valor	Desvio-padrão	
C(1)	0.371837	0.060830	
C(2)	-0.337022	0.070906	
C(3)	-4.17E-08	8.72E-08	
C(4)	27.03111	1.930132	

Fonte: Elaborada pelo autor através de dados do software de estimação

Através do Teste de Wald, verifica-se que cada coeficiente do modelo é diferente de zero. O que somado aos valores das variáveis torna o modelo estatisticamente significativo. Há evidências de que o modelo está corretamente especificado na forma linear.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou alguns dos possíveis fatores que exercem alguma influência sobre o *spread* no setor bancário brasileiro (SELIC, PIB, LUCRO LIQUIDO), bem como a relação entre *spread* e concentração bancária, tendo como uma medida simples para a concentração bancária a *market share* dos maiores bancos do consolidado bancário I do BCB. A partir das estimações do modelo econométrico constatou-se uma relação positiva (direta) entre o *spread* bancário e a medida da concentração bancária, contrariando a hipótese levantada para esse trabalho de que há uma relação inversa entre *spread* e concentração bancária, de modo que uma estrutura mais concentrada no mercado bancário pode implicar numa elevação do *spread* bancário total. Esse resultado contraria alguns resultados da literatura, tais como em Fabris (2010), Almeida (2013) e Chortareas *et al.* (2009).

Com relação aos resultados das estimações cabe destacar a relação direta entre as variáveis de *spread* bancário e de concentração bancária, levando a uma evidência de que uma estrutura mais concentrada pode contribuir para um aumento no *spread* bancário geral, esse resultado pode ser um indício e ter uma relação mesmo que indireta com o possível fato de certas estruturas de mercado como o de um setor bancário mais concentrado poder resultar em menos eficiência e promover pouca estabilidade nesse mercado, na perspectiva inversa dos resultados encontrados por Divino e Silva (2002), os quais obtiveram que mercados financeiros mais concentrados apresentam maior estabilidade dentro do sistema bancário. Os testes de Wald para o modelo econométrico mostrou-se favorável à firma funcional linear nos parâmetros desse modelo, o que evidencia uma especificação de modelo econométrico admissível para efeito de estimação.

O presente trabalho limitou-se a analisar a relação entre *spread* bancário e a concentração bancária e possíveis fatores relacionados com essas variáveis, porém como sugestão de trabalhos futuros na linha da temática contemplada nessa pesquisa poder-se-ia ser elaborados trabalhos que desse um enfoque sobre a influência de efeitos da crise financeira mundial 2007/2008 e sua relação com os possíveis fatores relacionados com o *spread* bancário e a concentração bancária, outra análise nessa linha de abordagem do *spread* bancário seria uma análise da relação entre *spread* bancário e a estabilidade do mercado bancário assim como a relação entre *spread* bancário e risco para o setor bancário.

Das seis variáveis analisadas apenas cinco se ajustaram ao modelo. O motivo da retirada da variável DEPOSITO, se deu pelo fraco resultado global do modelo quando adicionamos esta variável. De modo que não foi possível observar o comportamento do

DEPOSITO em relação ao SPREAD, ficando esta relação como sugestão para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Leonardo. Simulações de Spread, inadimplência e empréstimos baseados em um modelo de equilíbrio geral. *In*: BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Economia Bancaria e Crédito** - avaliação de três anos do projeto juros e spread bancário. Brasília: Banco Central do Brasil, 2002. Cap. IV, p. 59-67.
- ALLEN, Fanklin; GALE, Dougals. Financial Intermediaries and Markets. **Econometrica**, v. 72, n. 4, p. 1023-1061, 2004.
- ALMEIDA, Edson Silva Soares. **Determinantes do Spread Bancário em Cabo Verde**. 2013. 89 f. Monografia (Graduação em Economia e Gestão) - Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Cabo Verde, 2013.
- ALMEIDA, Fernanda Dantas. **Determinantes do spread bancário ex-post no Brasil**: uma análise de fatores micro e macroeconômicos. 2013. 78 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013.
- ARIDA, P.; BACHA, E.; LARA-RESENDE, A. **High interest rates in Brazil**: conjectures on the jurisdictional uncertainty. Rio de Janeiro: Casa das Garças, 2004.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Economia Bancaria e Crédito** - avaliação de três anos do projeto juros e spread bancário. Brasília: Banco Central do Brasil, 2002.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancaria e crédito**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2010.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancaria e crédito**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2011.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de Economia Bancaria e crédito**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2012.
- CAMARGO, Patricia Olga. **A evolução recente do setor bancário no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 324p.
- CAPRIO, Gerard; HONOHAN, Patrick. **Finance for Growth**: Policy Choices in a Volatile World. Washington: The World Bank; New York: Oxford University Press, Inc., 2001.
- CARVALHO, F. C. Estrutura e padrões de competição no sistema bancário brasileiro: uma hipótese para investigação e alguma evidência preliminar. *In*: PAULA, L. F.; OREIRO, J. L. (Ed). **Sistema Financeiro**: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2007.
- CHORTAREAS, Georgios E.; GARZA-GARCIA, Jesus G.; GIRARDONE, Claudia. Market structure, profits, and spreads in the Mexican Banking Industry. **Banks and Bank Systems**, v. 4, n. 3, p. 43-52, 2009.

- CORAZZA, G. Crise e Reestruturação Bancária no Brasil. **Revista Análise**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 21-42, 2001.
- COSTA, A. C. A. **Ensaio em Microeconomia Bancária**. 2004. 215 f. Tese (Doutorado em Economia) - Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- COSTA, A. C.; NAKANE, M. **Revisiting the methodology for the bank interest spread decomposition in Brazil**: An Application of the Theory of Cost Allocation. *In*: X Reunión de la Red de Investigadores de Bancos Centrales del Continente Americano. Lima, Peru, Oct. (CEMLA), 2005. Disponível em: <<http://www.cemla.org/red/papers2005/redx-br-abrao.pdf>>.
- COSTA, F. N.; DE DEOS, S. S. Reflexões sobre o Financiamento na Economia Brasileira. **Texto para Discussão**, IE/UNICAMP, n. 109, abril/2002.
- DEMSETZ, H. Two Systems of Belief about Monopoly. *In*: GOLDSCHMID, H. *et al.* (eds). **Industrial Concentration: The New Learning**. Boston: Little Brown, 1974.
- DIVINO, J. A.; SILVA, M. S. Risco de Crédito e Choque de Liquidez numa Abordagem de Equilíbrio Geral Dinâmico Estocástico. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE FINANÇAS, 10., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBFIn, 2010.
- DIVINO, J. A.; SILVA, M. S. Estabilidade Financeira e Estrutura de Mercado: Evidências Internacionais. **Revista Brasileira de Finanças**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-29, Mar. 2012.
- FABRIS, Maria Juliana Zeilmann. **Três ensaios sobre taxas de juros e spreads bancários no Brasil**. 2010. 147 f. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- FORTUNA, Eduardo. **Mercado Financeiro**. 16. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- JORGE NETO, Paulo de Melo; ARAÚJO, Luiz Alberto D'Ávila de. Risco e Competição Bancária no Brasil. **RBE**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 175–200, abr./jun. 2007.
- JORGE NETO, Paulo de Melo; ARAÚJO, Luiz Alberto D'Ávila de; PONCE, David Agustín Salazar. Competição e Concentração entre os Bancos Brasileiros. **Revista Economia**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 561-586, set./dez. 2006.
- KOYAMA, N.; NAKANE, M. Os determinantes do spread bancário no Brasil. **Notas Técnicas do Banco Central do Brasil**, Brasília, n. 19, p. 1-14, abr. 2002.
- KOYAMA, S. M.; TONOOKA, E. K. Relação entre Taxa de Juros e Participação de Mercado Segundo a Modalidade de Crédito. *In*: BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Juros e Spread Bancário no Brasil**. Relatório de 2002. Brasília: Banco Central do Brasil, 2002.
- KOYAMA, S. M.; TONOOKA, E. K. Taxa de juros e Concentração Bancária no Brasil. Banco Central do Brasil. **Textos para discussão**, n. 62, 2003.

LEAL, R. M. **Estrutura e determinantes do *spread* bancário no Brasil**: uma resenha comparativa da literatura empírica. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LEAL, R. M. Estrutura e determinantes do *spread* bancário no Brasil após 1994: uma análise da literatura empírica. *In*: PAULA, L. F.; OREIRO, J. L. (Ed). **Sistema Financeiro**: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2007.

MANHIÇA, Felix Antônio; JORGE, Carolina Teixeira. O nível da taxa Básica de juros e o *spread* bancário no Brasil: uma análise de dados em painel. **Texto para Discussão**, IPEA, n. 1710, 2012.

NAKANE, Márcio I. Concorrência e *spread* bancário: uma revisão da evidência para o Brasil. *In*: BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Juros e *spread* bancário no Brasil**: avaliação de 4 anos do projeto. Brasília: Banco Central do Brasil, 2003, p. 58-67.

NAKANE, M. I. A Test of Competition in Brazilian Banking. **Estudos Econômicos**, v. 32, n. 2, p. 203-224, abr./jun. 2002.

OLIVEIRA, G. C.; CARVALHO, C. E. O componente “custo de oportunidade” do *spread* bancário no Brasil: uma abordagem pós-keynesiana. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 371-404, dez. 2007.

OREIRO, José Luís da Costa *et al.* Determinantes macroeconômicos do *spread* bancário no Brasil: Teoria da evidência recente. **Economia Aplicada**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 4, oct./dec. 2006

PAULA, L. F.; LEAL, R. M. Custo do crédito no Brasil: uma avaliação recente. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 91-102, 2007.

PAULA, L. F.; PIRES, M. C. C. Determinantes macroeconômicos do *spread* bancário: uma análise preliminar para economias emergentes. *In*: PAULA, L. F.; OREIRO, J. L. (ed). **Sistema Financeiro**: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2007. p. 171-190.

PAULA, L. F.; OREIRO, J. L. (ed). **Sistema Financeiro**: Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2007.

PELTZMAN, S. The gains and Losses from Industrial Concentration, **Journal of Law and Economics**, v. 20, p. 229-263, 1977.

PERIA, Maria Soledad Martinez; MODY, Ashola. How Foreign Participation and Market Concentration Impact Bank Spreads: Evidence from Latin America. **Texto para Discussão**, 2002.

ROCHA, F. A. S. **Desnacionalização Bancária no Brasil (1997-2000)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2002.